plataformagueto

JUST ANOTHER WORDPRESS.COM SITE

Entrevista a Molefi Kete Asante

25 FEB

(https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/02/molefi.jpg)Molefi Kete Asante é um estudioso Afro-americano, historiador, filósofo, poeta, dramaturgo e pintor. Ele é uma figura proeminente nas áreas de estudos afro-americanos, Estudos Africanos e Estudos de Comunicação. Atualmente é professor do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Temple nos E.U.A, onde criou o primeiro programa de Doutoramento em Estudos Africanos e Afro-americanos, e Presidente do Molefi Kete Asante Institute for Afrocentric Studies. Considerado por seus pares como um dos estudiosos contemporâneos mais ilustres, Asante tem publicado 74 livros, entre os quais *"Afrocentricity: The Theory of Social Change", 1980, Race, Rhetoric & Identity, 2005,* e *History of Africa, 2007*, tendo criado uma escola de pensamento que tem influenciado os campos da sociologia, comunicação intercultural, teoria crítica, ciência política, história africana e trabalho social. Asante detém mais de 100 prêmios para bolsas de estudo e ensino, incluindo os Fulbright, doutorados honorários de três universidades, e é professor convidado na Universidade de Zhejiang. A União Africana citou-o como um dos doze maiores estudiosos de ascendência africana, quando o convidou para dar uma das palestras na Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, em Dakar, em 2004.

Esta é uma entrevista que Asante concedeu à Plataforma Ghetto a 16 de fevereiro de 2012.

Eu vi uma declaração sua, em que diz que "a libertação espiritual dos africanos deve preceder a libertação política e económica. Você pode explicar um pouco essa ideia?

Molefi Kete Asante:

Nesta declaração estou a seguir as ideias de outros pensadores africanos como Cabral, Garvey, Du Bois, e Carter G. Woodson, que reconheceram que a crise fundamental no mundo Africano é uma crise cultural. Se resolvermos o cultural, que é na minha filosofia uma crise espiritual, então temos uma melhor hipótese de alcançar o sucesso político e económico que procuramos.

Esta não é uma crise espiritual como, que denominação cristã escolher, e se Maomé foi ou não o último profeta, se Bhagavad Gita é ou não melhor do que o Corão, ou se devo confessar meus pecados, ou não. Não, esta crise espiritual é mais profunda, mais existencial, ela reside no núcleo do ser do Africano, no sentido de que ele se tornou um problema de longa duração da nossa consciência. Não é essencialíssimo, mas é fundamental para a nossa compreensão do mundo.

Temos de corrigir o problema que veio com o colonialismo e a escravidão, e a única maneira através da qual nós podemos corrigi-lo, é restaurar e reparar o nosso senso de cultura, esta é a crise espiritual de que falo.

Acha que o cristianismo e o islamismo constituem um obstáculo à nossa libertação e completa autodeterminação?

Molefi Kete Asante:

Na medida em que qualquer religião leva os africanos para fora dos nossos próprios termos, e nos leva a questionar a inteligência ou a sabedoria dos nossos antepassados, ou nos leva a degradá-los, a não falar a sua língua, ou usar os seus nomes, perdemos o nosso caminho nas moitas da religião de alguém. Não há nada de errado com a descoberta de liberdade e autodeterminação, por razões próprias de cada um.

Como explica a resistência dos europeus em situar o Egito, histórica e culturalmente, na África, e a sua negação das contribuições que a antiga civilização egípcia deu a outras civilizações?

Molefi Kete Asante:

Os europeus acham as realizações do Egito inacreditáveis, apenas no sentido em que os africanos criaram esta civilização muito antes da chegada dos árabes ou europeus. O que é representado no mundo europeu é a descrença, porque os europeus consideram quase impossível imaginar que os negros que eles conquistaram, subjugaram e escravizaram, possam ter produzido tal civilização. Eles preferem acreditar que as civilizações dos marcianos ou Jupterianos é que criaram o Egito. Mas, os fatos são o que são, a civilização do Egito é a dádiva dos africanos dada ao mundo.

Em geral, como caracterizaria o estado atual do domínio europeu sobre nós?

Molefi Kete Asante:

Eu diria que existem vários aspectos ligados a esta questão: o continente africano, a diáspora africana nas Américas, e os africanos na Europa. No continente temos conseguido a liberdade política, mas não a liberdade cultural ou econômica. A Europa domina, e onde a Europa não domina como na Mauritânia e Sudão, os árabes dominam culturalmente, economicamente, e na realidade, mesmo politicamente. Na Diáspora Africana nas Américas a situação ainda é aquela em que os africanos estão na parte inferior das escadas econômicas e políticas, embora existam ilhas de sucesso como é o caso de Barack Obama e Hugo Chávez, dois descendentes de africanos, que são líderes das suas nações.

Por outro lado, não se pode apontar para um país onde os negros alcançaram a paridade com os brancos, quer em termos económicos, políticos ou culturais. Cuba pode ser o mais próximo a esse objetivo, mas o racismo ainda é um problema entre os cubanos. A situação no Brasil está a melhorar, pelo que sei através das minhas muitas visitas, mas o país continua a ser um bastião da marginalização negra, especialmente fora das grandes cidades. Na Europa, a situação continua a ser aquela em que os negros têm impacto limitado sobre as nações europeias. Há algumas autoridades eleitas em alguns dos países, alguns negros de alto perfil na França e na Inglaterra, mas em nenhuma parte da Europa vemos a igualdade económica e política dos negros.

Na sua opinião, qual é a relevância e o papel dos nossos ancestrais na vida dos africanos de hoje, e na luta pela libertação?

Molefi Kete Asante:

Bem, eu não posso falar por todos os africanos, mas falando por mim eu vejo o papel dos nossos antepassados como exemplos culturais, de inspiração psicológica, e construção do caráter. Como um descendente do povo Yoruba, eu estou sempre disposto a descobrir nos textos africanos, como o Odu Ifa, palavras que possam explicar o que eu estou a pensar. O texto diz que Ifa não exige conhecimento, riqueza ou educação, mas Ifa exige bom caráter. Lembrar os nossos antepassados, vai ensinar aos nossos filhos e a nós próprios como construir um bom caráter.

Com base no conhecimento que você tem sobre a história africana, que juízo faz sobre a capacidade e o potencial dos jovens africanos de hoje, especialmente aqueles que vivem ou nasceram na diáspora, para capturar e transmitir os valores dos nossos antepassados?

Molefi Kete Asante:

A juventude na diáspora africana, nas Américas e na Europa, aqueles que nasceram nessas regiões estão à espera de alguma inspiração que lhes permita recuperar o seu pé no meio de um mundo europeu, onde estão muitas vezes fora de equilíbrio, porque eles não podem e não se relacionam com a sua própria base cultural, e não têm nenhuma maneira de realmente entrar na cultura europeia em pé de igualdade com os brancos. Os jovens são capazes e completamente prontos para reivindicar a sua cultura, os mais velhos devem refletir sobre a situação e agir. A maioria dos jovens está numa terra de ninguém, flutuando entre um lugar que eles não conhecem e outro lugar que não os conhece. Temos que proporcionar escolas, seminários, workshops, programas de treinamento, clubes e atividades para as crianças. Esta é a maneira, por meio da qual eles ganham força e confiança e são, então, capazes de encontrar e discutir, cumprimentar e conhecer os seus homólogos europeus, sem um sentimento de inferioridade e sem a necessidade de vociferar ou exagerar sobre quem eles são como seres humanos.

Você criou um conceito no campo dos estudos africanos a que você chamou de "africologia." O que você pretende alcançar com este conceito?

Molefi Kete Asante:

A contribuição intelectual-chave que dei, é a construção teórica a que chamamos "Afrocentricidade". Isso significa que podemos determinar como e onde os africanos foram movidos para fora dos seus próprios termos. Afrocentricidade é a ideia de que os africanos devem assumir um sentido do seu próprio lugar de sujeito, um sentido de agência que se relaciona com a ideia de autodeterminação. Isso também significa que, a nível intelectual, quando alguém, preto, branco ou amarelo, estuda África deve permitir que a África fale por si própria. Afrocentricidade é sobre esta relação que nega a ideia dos africanos à margem ou periferia da Europa. Africologia é simplesmente o estudo afrocentrado de qualquer fenômeno africano.

entrevista Molefi Kete Asante

Molefi Kete Asante é um afro-americano estudioso, historiador, *filósofo* , poeta, dramaturgo e pintor. Ele é uma figura de destaque nas áreas de Africano-Americano e Estudos Africanos e Estudos de Comunicação. Atualmente é professor no Departamento de Estudos Afro-

Americanos da Universidade Temple, nos EUA, onde criou o primeiro do programa ctoral em Estudos Africanos e-Americanos africanos Estudos e Presidente da *Molefi Kete Asante I n tuir de Estudos Afrocentric.* Considerado por seus pares como um dos mais distintos Schol contemporâneos ars, Asante publicou 74 livros, incluindo *"Afrocentricity: a teoria da mudança social", 1980* , raça, *Retórica & Identidade, de 2005,* e *História da África, de 2007,* e criou um escola de pensamento que influenciaram o campo da sociologia, comunicação intercultural, teoria crítica, ciência política, história Africano e trabalho social. Asante detém mais de 100 prêmios de bolsas de estudo e de ensino, incluindo o Fulbright, doutorados honorários fro m três universidades, e é professor visitante na Universidade de Zhejiang. A União Africano citou-o como o n e dos doze maiores estudiosos de ascendência Africano, quando convidado para dar uma palestra na Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora em Dakar em 2004.

Esta é uma entrevista que concedeu Asante Plataforma Gueto em 16 de Fevereiro de 2012.

Eu vi um comunicado onde diz que "a libertação espiritual dos africanos deve preceder a libertação política e econômica." Você pode explicar essa idéia um pouco?

de Molefi Kete Asante Resposta:

Neste statemen t eu estou seguindo as ideias de outros pensadores africanos como Cabral, Garvey, Du Bois, e Carter G. Woodson que Reco gnized que a crise fundamental no mundo Africano foi uma crise cultural. Se resolvemos o, isto é, em minha filosofia de uma crise espiritual cultural, então temos uma melhor chance de alcançar o sucesso político e económico que buscamos.

Este não é um sp crise iritual como que denominação cristã para escolher ou se ou não Muhammad foi o último profeta ou é o Bhagavad Gita melhor do que o Corão ou devo confessar os meus pecados ou não. Não, esta crise espiritual é mais profundo, mais existencial, ele reside no núcleo do ser do Africano no sentido de que se tornou um problema de longa duração da nossa consciência. Não é essencialismo mas é fundamental para a nossa compreensão do mundo. Temos de corrigir o problema que veio com o colonialismo e escravidão ea única maneira que possamos corrigi-lo é restaurar e reparar nosso senso de cultura; esta é a crise espiritual de que falo.

Você acha que o cristianismo eo islamismo constituir um obstáculo à nossa liberdade e auto-determinação completa?

Resposta do Molefi Kete Asante

Na medida em que qualquer religião move africanos fora ou nossos próprios termos e nos leva a questionar a inteligência ou a sabedoria dos nossos antepassados ou nos leva a degradar-los ou para não falar ou usar seus nomes perdemos nosso caminho nas matas de outra pessoa religião. Não há nada errado com a descoberta de liberdade e auto-determinação no próprio terreno de ninguém.

Como você explica a resistência dos europeus para situar o Egito histórica e culturalmente na África, e sua negação das contribuições que a antiga civilização egípcia deu a outras civilizações?

Resposta do Molefi Kete Asante:

Os europeus encontrar as realizações do Egito inacreditável apenas no sentido de que os africanos criou esta civilização muito antes da chegada dos árabes ou europeus. O que é representado no mundo europeu é a descrença porque os europeus consideram quase impossível imaginar que os negros, que eles conquistaram, subjugados e escravizados, poderia ter produzido tal civilização. Eles preferem acreditar que a civilização que marcianos ou Jupiterians criado Egito. Infelizmente, os fatos são o que são; a civilização do Egito era o dom de africanos para o mundo.

Em geral, como você caracterizaria o estado atual do domínio europeu sobre nós?

Resposta do Molefi Kete Asante:

Eu diria que há vários aspectos a esta pergunta: o continente Africano, a diáspora Africano nas Américas, e os africanos na Europa. No continente temos conseguido a liberdade política, mas a liberdade não cultural ou econômica. Europa domina e onde a Europa não domina como na Mauritânia e no Sudão, em seguida, árabes dominam culturalmente, economicamente, e realmente politicamente. Na Diáspora Africano nas Américas a situação ainda é aquele em que os africanos estão na parte inferior das escadas económicas e políticas, embora existam ilhas de sucesso, como no caso de Barack Obama e Hugo Chavez, dois descendentes de africanos que são líderes de suas nações. Por outro lado, não se pode apontar para um país onde os negros conseguiram estabelecer uma paridade com os brancos em termos económicos quer em termos políticos ou culturais. Cuba pode ser o mais próximo a esse objetivo, mas o racismo ainda é um problema entre os cubanos. A situação no Brasil está melhorando, como eu sei que a partir de minhas muitas visitas, mas o país continua a ser um bastião da marginalização preto, especialmente fora das grandes cidades. Na Europa, a situação continua a ser aquele em que os negros têm impacto sobre as nações europeias limitado. Existem alguns funcionários eleitos em algumas das nações, alguns negros de alto perfil na França e na Inglaterra, mas em nenhum lugar na Europa vemos a igualdade económica e política do povo negro.

Na sua opinião, qual é a relevância eo papel dos nossos antepassados na vida dos africanos de hoje e na luta pela libertação?

Resposta do Molefi Kete Asante:

Bem, eu não posso falar por todos os africanos, mas falando por mim Eu vejo o papel dos nossos antepassados como um para exemplos culturais, inspiração psicológica e construção de personagem. Como um descendente do povo Yoruba Estou sempre disposto a descobrir em textos africanos, como o Odu Ifa, palavras que possam explicar o que estou pensando. O texto diz que Ifa não exige conhecimento, riqueza ou educação, mas Ifa exige bom caráter. Lembrando nossos antepassados vai ensinar nossos filhos e nós como construir um bom caráter.

Com base no conhecimento que você tem sobre a história Africano, o juízo que você faz sobre a capacidade e potencial dos jovens Africano de hoje, especialmente aqueles que vivem ou nasceram na diáspora, para capturar e transmitir os valores dos nossos antepassados?

Resposta do Molefi Kete Asante:

Os jovens na Diáspora Africano, nas Américas e na Europa, aqueles que nasceram nessas regiões estão esperando por alguma inspiração que lhes permita recuperar o seu pé no meio de um mundo europeu onde eles são muitas vezes fora de equilíbrio, porque eles não podem e não se relacionam com a sua própria base cultural e não têm nenhuma maneira de realmente entrar cultura europeia em pé de igualdade com os brancos. Os jovens são bastante capaz e pronto para recuperar a sua cultura; os povos mais velhos devem refletir sobre a situação e agir. A maioria dos jovens estão em uma terra de ninguém pessoa, flutuando entre um lugar que não conhece e um outro lugar que não as conhece. Temos de dotar as escolas, seminários, workshops, programas de formação, clubes e atividades para as crianças. Esta é a maneira que eles ganham força e confiança e são então capazes de conhecer e discutir, cumprimentar e saber, os seus homólogos europeus, sem um sentimento de inferioridade e sem a necessidade de vociferar ou exagerar quem eles são como seres humanos.

Você criou um conceito no campo de estudos africanos que você chamados "africology." O que você pretende alcançar com este conceito?

Resposta do Molefi Kete Asante:

A contribuição intelectual chave que eu tenho feito é a construção teórica que chamamos Afrocentricity. Isso significa que se pode determinar como e onde as pessoas Africano são movidos fora de seus próprios termos. Afrocentricity é a ideia de que os povos africanos devem assumir um senso de seu próprio lugar assunto, uma sensação de agência que fala com a idéia de auto-determinação. Isso também significa que, no nível intelectual quando alguém, preto ou branco ou amarelo, estuda África devem permitir que a África fale por si mesma. Afrocentricity é sobre esta relação que renuncia à ideia de africanos à margem ou periferia da Europa. Africology é simplesmente o estudo Afrocentric de qualquer fenômenos Africano.

Entrevista com Molefi Kete Asante

(https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/02/molefi.jpg)Molefi Kete Asante é um acadêmico afro-americano, historiador, filósofo, poeta, dramaturgo e pintor. Ele é uma figura de destaque nas áreas de estudos afro-americanos, estudos africanos e Estudos de Comunicação. Atualmente é professor no Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade Temple, nos Estados Unidos, onde se estabeleceu o primeiro programa de doutorado em estudos africanos e americanos Africano, eo presidente Molefi Kete Asante Instituto de Estudos Afrocentric . Considerado por seus pares como um dos estudiosos contemporâneos mais ilustres, Asante publicou 74 livros, incluindo *"Afrocentricity: a teoria da mudança social", 1980 Raça, Retórica & Identidade, de 2005, História da África, de 2007,* e criou uma escola de pensamento que influenciaram o campo da sociologia, comunicação intercultural, teoria crítica, ciência política, história Africano e trabalho social. Asante tem mais de 100 prêmios de bolsas de estudo e de ensino, incluindo *Fulbright,* doutorados honorários de três universidades, e é professor visitante na Universidade de Zhejiang. A União Africano citou-o como um dos doze maiores estudiosos de ascendência Africano, quando foi convidado para palestra na Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora em Dakar em 2004.

Esta entrevista foi concedida pela Plataforma Asante Ghetto 16 de fevereiro de 2012.

Eu vi uma declaração que você fez: "A libertação espiritual dos africanos deve preceder a libertação política e econômica. "Você pode explicar isso um pouco?

Molefi Kete Asante:

Nesta declaração, eu sou as ideias de outros pensadores africanos como Cabral, Garvey, Du Bois e Carter G. Woodson, que reconheceu que a crise fundamental no mundo Africano é uma crise cultural. Se resolvemos o cultural, que de acordo com a minha filosofia é uma crise espiritual, então temos uma melhor chance de alcançar o sucesso político e económico que procuramos.

Esta não é uma crise espiritual como qualquer denominação cristã escolher, e se ou não Muhammad foi o último profeta, se Bhagavad Gita é ou não melhor do que o Alcorão, ou devo confessar os meus pecados ou não. Não, esta crise espiritual é mais profundo, mais existencial, que está no coração do ser Africano no sentido de que ele se tornou um problema de longo prazo da nossa consciência. Este não é o essencialismo, mas é fundamental para a nossa compreensão do mundo. Precisamos corrigir o problema que veio com o colonialismo e da escravidão, ea única maneira de resolver o problema é restaurar e reparar nosso senso de cultura é a crise espiritual que Eu estou falando sobre.

Você acha que o cristianismo eo islamismo são um obstáculo à nossa liberdade e auto-determinação total?

Molefi Kete Asante:

Na medida em qualquer religião coloca Africano fora nossos próprios termos, e levanta questões sobre a inteligência ou a sabedoria dos nossos antepassados, ou leva para degradar, para não falar sua língua, ou usar seus nomes perdemos o nosso caminho no emaranhado da religião de alguém. Não há nada de errado com a descoberta da liberdade e auto-determinação para as suas próprias razões para cada um.

Como você explica a resistência dos europeus para localizar o Egito histórica e culturellment, África e sua rejeição da contribuição que a antiga civilização egípcia tem dado a outras civilizações?

Molefi Kete Asante:

Os europeus são as incríveis realizações do Egito, apenas no sentido de que os africanos criaram esta civilização muito antes da chegada dos árabes ou europeus. O que é representado no mundo europeu é a incredulidade, porque os europeus consideram quase impossível imaginar que os negros, eles conquistaram, subjugado e escravizado, poderia ter produzido tal civilização. Eles preferem acreditar que as civilizações marcianos ou Jupteriens que criaram Egito. Mas os fatos são o que são, a civilização do Egito é o dom de africanos, dado o mundo.

Em geral, como você descreveria o estado atual do poder europeu sobre nós?

Molefi Kete Asante:

Eu diria que há vários aspectos a esta pergunta: o continente Africano, a diáspora Africano nas Américas, Europa e África. No continente temos liberdade política, mas não a liberdade cultural ou econômica. Europa domina e em que a Europa não domina como na Mauritânia e Sudão, árabes dominam culturalmente, economicamente, e de fato, até politicamente. Na diáspora Africano nas Américas, a situação é aquela em que os africanos estão na parte inferior dos níveis

econômicos e políticos, embora haja bolsões de sucesso, como Barack Obama e Hugo Chavez, dois descendentes de africanos que estão líderes de suas nações. Por outro lado, não podemos apontar para um país onde os negros tinham alcançado a paridade com os brancos, quer no económico, político ou cultural. Cuba este pode ser o mais próximo a esse objetivo, mas o racismo ainda é um problema entre os cubanos. A situação no Brasil está melhorando, pelo que eu sei de minhas muitas visitas, mas o país continua a ser um bastião de marginalização negra, especialmente fora das grandes cidades. Na Europa, a situação é aquela em que os negros têm um impacto limitado nos países europeus. Existem algumas autoridades eleitas negras em alguns países, incluindo alguns em grande escala, como na França e na Inglaterra, mas em nenhum lugar na Europa, vemos a igualdade económica e política para os negros.

Na sua opinião, qual é a relevância eo papel dos nossos antepassados na vida dos africanos de hoje, e na libertação lutar?

Molefi Kete Asante:

Bem, eu não posso falar por todos os africanos, mas pela minha parte eu vejo o papel dos nossos antepassados como exemplos culturais de inspiração psicológica e construção de personagem. Como um descendente do povo Yoruba, estou sempre pronto para descobrir em textos africanos, como Odu Ifa, as palavras podem explicar o que eu penso. Ele diz que o Ifa não requer conhecimento, riqueza ou educação, mas Ifa exige um bom caráter. Não se esqueça nossos antepassados vai ensinar nossos filhos e nós mesmos como construir um bom caráter.

Com base no conhecimento que você tem sobre a história da África, o julgamento está fazendo sobre a capacidade e potencial dos jovens Africano hoje, especialmente aqueles que vivem ou nasceram na diáspora, para capturar e transmitir os valores dos nossos antepassados?

Molefi Kete Asante:

Os jovens da diáspora Africano nas Américas e na Europa, aqueles que nasceram nessas regiões estão à espera de alguma inspiração para ajudá-los a encontrar seus pés no meio de um mundo europeu onde eles são muitas vezes fora equilíbrio, porque eles não podem e não se relacionam com a sua própria formação cultural, e não têm nenhuma maneira de realmente entrar em cultura europeia em pé de igualdade com os brancos. Os jovens são completamente pronto e capaz de reivindicar a sua cultura, os adultos devem pensar sobre a situação e agir. A maioria dos jovens estão em uma terra com uma pessoa que flutua entre um lugar que não conhece e em outros lugares que não os conheço. Precisamos oferecer escolas, seminários, workshops, programas de formação, clubes e atividades para as crianças. É o meio pelo qual eles ganham força e confiança e são então capazes de conhecer e discutir, conhecer e cumprimentar os seus homólogos europeus, sem uma sensação de inferioridade e sem a necessidade de reclamar ou exagerar nessa eles são como seres humanos.

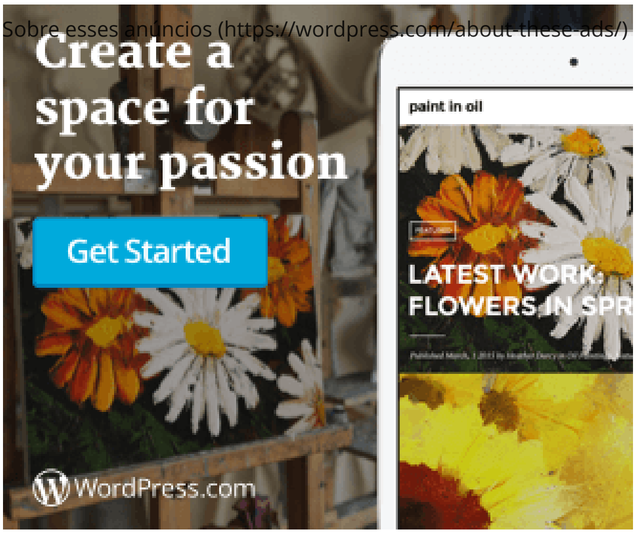
Você criou um conceito no campo de estudos africanos que vos chamou "africologie. "O que você quer alcançar com este conceito?

Molefi Kete Asante:

A contribuição intelectual fundamental que dei é a construção teórica que chamamos de "Afrocentricity". Isto significa que podemos determinar como e onde os africanos foram deslocados de seus próprios termos. Afrocentricity é a ideia de que os africanos devem assumir

um senso de seu próprio lugar de sujeito, um senso de agência que se relaciona com a idéia de auto-determinação. Isto também significa que intelectualmente, quando alguém, preto, branco ou amarelo, estudo da África, deve permitir que a África para falar por si. Afrocentricity é essa relação que nega a ideia de os africanos a bordo ou na periferia da Europa. Africologie é simplesmente afrocentré estudo de um fenômeno Africano.

Sobre esses anúncios (https://wordpress.com/about-these-ads/)



Deixe o seu comentário

Publicado por plataformagueto em Fevereiro 25, 2014 in Entrevista, Plataforma Gueto

Blog em WordPress.com. O tema Choco.

RSS Artigos e RSS Comentários